



Estágio supervisionado: grandezas e medidas: uma descoberta em sala de aula

Hohana Cibelle Cavalcanti Diniz

Universidade Federal Rural de Pernambuco

hohana.diniz@outlook.com

Jéssica Michele da Silva Matias

Universidade Federal Rural de Pernambuco

jehmatias@hotmail.com

Resumo: Este artigo é resultado das experiências vividas no Estágio Curricular III em Gestão Escolar/Coordenação Pedagógica, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns-PE. O estágio foi realizado em uma escola municipal de Garanhuns – PE e contou com as seguintes atividades 1) caracterizar a escola; 2) observar a prática da coordenadora pedagógica; 3) entrevistar a coordenadora; 4) observar a turma; 5) elaborar um projeto de intervenção pedagógica em sala de aula. O projeto de intervenção embasa-se nos pressupostos da pesquisa e ação. A temática trabalhada no desenvolvimento e execução deste trabalho refere-se ao eixo de grandezas e medidas. As atividades desenvolvidas foram realizadas de forma objetiva, pois desse modo proporcionaram aos alunos a capacidade de fazer associações do que foi trabalhado na sala de aula com atividades do cotidiano de cada um. Verificou-se ao final das ações que a turma obteve maior êxito na construção significativa do conhecimento, uma vez que as atividades ocorreram de forma concreta, como por exemplo, pesquisa, dinâmicas, trabalhos em grupos entre outros. Essas atividades diferenciadas foram responsáveis por despertar nos alunos um maior interesse em participar das aulas e das atividades, tornando assim o ambiente da sala de aula, bem como da escola, um lugar de aprendizagem prazerosa e eficaz.

Palavras-chave: Estágio. Grandezas e Medidas. Projeto de Intervenção.

Magnitudes and measures: a discovery in the classroom

Abstract: This article is a result of the experiences of the undergraduate degree in Pedagogy of the Federal Rural University of Pernambuco / Academic Unit of Garanhuns – PE. The internship was carried out in a municipal school in Garanhuns – PE and counted on the following activities: 1) characterize the school; 2) observe the practice of the pedagogical coordinator; 3) interview the coordinator; 4) observe the class; 5) to elaborate a pedagogical intervention project in the classroom. The intervention project is based on the presuppositions of action research. The theme worked on the development and execution of this work refers to the axis of magnitudes and measures. The activities developed were carried out in an objective way, because in this way the students would develop the capacity to make associations of what was worked in the classroom with the daily activities. It was verified at the end of the actions that the group was most successful in the construction of knowledge,

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.

Dossiê temático “O estágio na formação inicial do pedagogo: desafios contemporâneos”, out. 2018.

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

since the activities occurred in a concrete way, such as research, dynamics, group work among others. These differentiated activities were responsible for awakening in students a greater interest in participating in classes and activities, thus making the classroom environment as well as the school environment a pleasant and effective learning place.

Keywords: Internship. Measurements and Quantities. Intervention Project.

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido como requisito da disciplina de Estágio Curricular III, existente no currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns-PE. O foco da referida disciplina é promover meios para que os discentes desenvolvam um olhar analítico e reflexivo sobre o exercício da função de coordenador, assumindo essa postura o discente desenvolverá a capacidade de identificar possíveis problemas referentes à área da coordenação, e então criar um plano de ação para a melhoria de tais eventualidades.

Otimizando essas capacidades o discente terá autonomia para conhecer, discutir e problematizar sobre os saberes necessários à prática relacionada a coordenação pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental e compreenderá a dicotomização em que se coloca a função de ser coordenador. Com isso, o estudante da Licenciatura em Pedagogia entenderá o processo de organização do trabalho pedagógico da escola, em suas múltiplas determinações. Bem como, compreenderá o Estágio como processo de investigação científica e espaço para a relação teoria-prática.

O estágio curricular atua como um processo de aprendizagem fundamental para um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de sua formação. É durante o estágio que encontramos a oportunidade de assimilar a teoria com a prática, conhecer e entender a realidade da área que trabalharemos, pois este, nos coloca em contato com a realidade que vivemos e escolhemos participar como educadores, ou seja, todo educador deve ter consciência, autonomia e principalmente bom senso para entender a necessidade da prática educacional e fazer uso deste acontecimento. Como destacam Barreiro e Gebran (2006, p. 22),

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas

As intervenções foram realizadas em uma escola da rede municipal de Garanhuns-PE, e foram executadas no 2º ano Ensino Fundamental. A turma era composta por 23 alunos matriculados, as intervenções aconteceram de 6 de novembro à 11 de dezembro de 2017. Durante a execução do projeto de intervenção contamos com ajuda da coordenadora e da docente da turma, o que facilitou o nosso trabalho.

Ao final das ações notamos que os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados, uma vez que os estudantes compreenderam a importância de ter uma unidade de medida padronizada, como foi percebido nas respostas por eles dadas nas realizações dos exercícios, notamos também que os alunos perceberam que o trabalho em grupo é primordial para a execução de algumas atividades, tal ação também contribuiu para que essas fossem mais divertidas e atraentes, tornando assim o ato de aprender prazeroso e dinâmico.

Conhecendo a escola

A estrutura física da instituição é formada por nove salas de aula, uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) que divide espaço com a sala de leitura, uma secretaria e uma sala de professores, o espaço conta também com banheiros dentro do prédio e em algumas salas de aula, uma cozinha onde é preparada a merenda dos estudantes, um refeitório para alunos e um pátio descoberto, onde é realizado o recreio dos mesmos.

Em relação aos recursos didáticos pertencentes à instituição podemos destacar que em relação há outras escolas que foram frequentadas em outros momentos para a realização de pesquisas durante a formação acadêmica, essa instituição conta com um bom aparato didático, como por exemplo, aparelhos de televisão nas salas de aula, projetores multimídia, impressoras e a aparelhos de som, todos em condições de uso. Além de contar com uma equipe composta por trinta funcionários.

Profissão Professor: Estar Coordenador

A disciplina de Estágio Curricular III é voltada aos setores de Direção e/ou Coordenação Pedagógica, no qual o estudante deve durante a disciplina acompanhar através de observação e entrevista, o dia-a-dia do professor que se encontra nesta função.

Durante a realização do referido estágio podemos acompanhar a rotina da então coordenadora da escola, que atua na área de educação há dois anos e como professora conta com uma experiência de 4 anos, totalizando 6 anos de atuação na área educacional, à mesma possui formação no curso de Licenciatura em Letras – ofertado pela Universidade de Pernambuco – UPE e possui especialização em Coordenação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Para complementarmos os dados obtidos com as observações, realizamos uma entrevista com a mesma, a fim de entendermos mais sobre a função do professor enquanto Coordenador Pedagógico, bem como, os desafios enfrentados nessa função.

A entrevista foi composta por cinco (05) perguntas tendo como referencial a bibliografia utilizada em sala de aula durante as aulas teóricas da disciplina de Estágio Curricular III.

Com base na análise das respostas dadas pela Coordenadora Pedagógica da escola, podemos perceber que apesar de não ter uma larga experiência na área, a função por ela exercida é realizada de forma notável, já que por meio das observações e da entrevista podemos constatar que a mesma dava enfoque à ideia de ser o mediador entre a prática do professor e a aprendizagem dos alunos, umas das funções do coordenador pedagógico. Nesse entremeio, o coordenador tem a função de fazer com que o professor reflita sobre a sua prática, para que o mesmo perceba se a didática adotada por ele em sala de aula é a melhor forma de fazer com que seus alunos aprendam e não apenas memorizem o conteúdo das disciplinas do currículo escolar. De acordo com Vasconcelos (2007, p. 2),

A relação supervisão-professor, em termos de processo de interação, é muito similar à professor-aluno. Assim como o aluno e não o professor, naquele momento da aula, é o foco das construções do conhecimento, quem vai ter a prática pedagógica em sala é o professor, e não o supervisor. Seu papel é, pois de mediador.

Então, percebe-se que a atuação da coordenação em uma escola, deve se dar no campo de mediação, e no fornecimento de subsídios para que o professor possa perceber e refletir onde e como pode melhorar sua prática pedagógica, e não na imposição sobre a prática do professor. “A coordenação deve estabelecer uma dinâmica de interação que facilite o avanço” (VASCONCELLOS, 2007, p. 3).

Dando continuidade à análise da entrevista com a coordenadora, percebemos que existe uma dicotomização evidenciada pelo seu discurso, tal dicotomização encaixa-se no terceiro setor, conforme Bhabha (2003) o estar coordenador não é algo fixo que se caracteriza pela ambivalência e que não pode ser territorializado. Concordando com Bhabha, Oliveira e Mota, (2016, p.115) afirmam,

o [...] coordenador pedagógico enquanto ponte, tripé, articulador e mediador de relações de negociações constantes, se coloca num processo contingente de subjetivação, pois são estas produções de significados acerca do seu fazer que permitem ser professor e estar coordenador ao mesmo tempo, agregando múltiplas facetas à um mesmo sujeito que já não se vê único e sem um lugar fixado.

A coordenadora relatou que uma das dificuldades enfrentadas no exercício do cargo está ligada ao desvio de função, na qual ela deve dar conta de outras demandas para que a escola funcione, assim tomando parte do seu tempo e atrapalhando o que realmente deveria ser feito por ela enquanto coordenadora. Uma outra dificuldade é a sobrecarga que advém do desvio de função e que acaba prejudicando no auxílio aos professores em relação às suas práticas, a coordenadora também relata que outro problema é ter que lidar com profissionais não comprometidos.

Para compreendermos de forma mais clara o papel da mediação exercida pela Coordenadora em parceria com o corpo docente, realizamos observações também em sala de aula, onde pudemos observar a prática da docente no 2º ano do Ensino Fundamental. A formação acadêmica da docente responsável pela turma é no curso de Licenciatura em História, oferecido pela Universidade de Pernambuco – UPE e com especialização em Recursos Humanos, também ofertado pela Universidade de Pernambuco – UPE

Durante o período de observação na turma, pudemos notar que a mesma encontrava-se em um bom nível de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética – SEA, os alunos também apresentavam bom desempenho nas outras disciplinas do currículo.

Como fruto dessas observações e entrevistas desenvolveu-se o projeto de intervenção pedagógica, pensado em conjunto com a coordenadora e a docente responsável pela turma. A área escolhida foi a matemática e o eixo no qual o projeto foi desenvolvido foi *Grandezas e Medidas*, pois a professora responsável pela turma em conjunto com a Coordenadora perceberam que apesar de ser um assunto já trabalhado em sala de aula, os alunos ainda não haviam fixado bem o conteúdo. Dessa forma, nos foi pedido para que fosse feita uma revisão com os alunos. Por sabermos que com uma aula expositiva a revisão não surtiria o efeito esperado, decidimos trabalhar de forma mais dinâmica, como veremos no tópico abaixo.

Grandezas e medidas: do palmo à fita métrica

Sabemos que as grandezas e as medidas fazem parte de quase todas as atividades realizadas no nosso dia a dia, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 39), elas “desempenham papel importante no currículo, pois mostram claramente ao aluno a utilidade do conhecimento matemático no cotidiano” e, a partir da execução de atividades cotidianas simultaneamente com a curiosidade que é pertinente as crianças, elas sentem a necessidade de assimilar o tamanho e o valor dos objetos presentes na sua rotina.

A temática foi trabalhada de forma objetiva, de um modo que levasse os alunos a associar o que estava sendo trabalhado em sala de aula com as atividades do cotidiano. A escolha de trabalharmos dessa forma deu-se em razão dessas atividades auxiliarem no processo da construção significativa do conhecimento, para Penin e Vasconcellos (1994; 1995 apud DEMO, 2011, p. 9) “a aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora do conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento”. Diante dessa afirmação, entendemos que para que ocorra uma aprendizagem significativa é necessário a transformação dos alunos em sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

Nesta situação, oportunizamos aos alunos uma experiência prática com as medidas de comprimento formal e informal para que os estudantes pudessem adquirir habilidades específicas de comparar grandezas da mesma natureza. Dessa forma, procuramos levar os

estudantes a compreenderem que existe uma unidade de medida padronizada, a importância dessas medidas, e a conhecerem/reconhecerem alguns instrumentos de medida de comprimento (régua, fita métrica, entre outros), construir estratégias para medir comprimento utilizando unidades não padronizadas e registrar os resultados adquiridos na medição, e a maneira como estas foram obtidas, por fim, reconhecerem o centímetro como um submúltiplo do metro, a unidade padronizada de medida de comprimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) em sua seção reservada ao conteúdo de matemática para o ensino fundamental, ressalta o compromisso dessa etapa do ensino básico com o letramento matemático. Segundo a Matriz do Pisa ¹(2012 apud, BRASIL, 2017, p. 262),

Letramento matemático é a capacidade individual de formular, empregar e interpretar a matemática em uma variedade de contextos. Isso inclui raciocinar matematicamente e utilizar conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas para descrever, explicar e prever fenômenos. Isso auxilia os indivíduos a reconhecer o papel que a matemática exerce no mundo e para que cidadãos construtivos, engajados e reflexivos possam fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões necessárias.

O desenvolvimento dessas competências aperfeiçoadas através do letramento matemático garante que os estudantes reconheçam que os conhecimentos matemáticos são imprescindíveis para compreendermos o mundo que nos cerca.

O mesmo documento traz as competências matemáticas que os alunos devem alcançar ainda no ensino fundamental, o projeto de intervenção ancorou-se em três desses objetivos, (BRASIL, 2017, p. 263).

1. Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho.
2. Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo.

¹ O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

8. Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a temática Grandezas e Medidas se encaixa na unidade temática de geometria. De acordo com o mesmo documento, as grandezas e medidas devem,

[...] propor o estudo das medidas e das relações entre elas – ou seja, das relações métricas –, favorece a integração da Matemática a outras áreas de conhecimento, como Ciências (densidade, grandezas e escalas do Sistema Solar, energia elétrica etc.) ou Geografia (coordenadas geográficas, densidade demográfica, escalas de mapas e guias etc.). (BRASIL, 2017, p. 269)

Ao trabalharmos com as grandezas e medidas trilhamos junto com os alunos um caminho que os fizessem compreender que o ato de medir é a ação de comparar “uma grandeza com uma unidade” (BRASIL, 2017, p. 269), e que expressamos o resultado obtido ao final desta ação com um número. Diante disso a BNCC sugere que,

esse processo seja iniciado utilizando, preferencialmente, unidades não convencionais para fazer as comparações e medições, o que dá sentido à ação de medir, evitando a ênfase em procedimentos de transformação de unidades convencionais. (BRASIL, 2017, p. 269)

Com o decorrer das atividades utilizando as medidas não convencionais, os alunos passam a perceber que o uso social das medidas precisa de uma padronização. Já que os corpos medem tamanhos diferentes, o uso não padronizado das medidas de comprimento acarreta dificuldades na troca de informações.

Trilhando o caminho: a aplicabilidade de grandezas e medidas na sala de aula

O projeto de intervenção, como o próprio título refere-se, respalda-se nos pressupostos da pesquisa-ação. Que tem como base a ideia de uma relação dialética entre pesquisa e ação, supondo ainda que a pesquisa deve ter como função a transformação da realidade. Nesse tipo de pesquisa, a prática é compreendida como práxis. Tanto pesquisador como pesquisado estão

diretamente envolvidos em uma perspectiva de mudança. De acordo com Thiollent (2005, p. 16):

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ainda conforme Thiollent (2005, p. 16), a ação que resultou na resolução do problema coletivo deu-se após os momentos de observações tanto em sala de aula, quanto da rotina da coordenadora pedagógica. As intervenções aconteceram em dois encontros, que totalizaram 8 horas, sendo o equivalente a 4 horas por dia de intervenção (de 13 às 17 horas).

Primeiro momento

Tentando não quebrar toda a rotina da turma, o início da intervenção aconteceu conforme a rotina da sala, com acolhida seguida de uma leitura deleite, realizada pela docente responsável pela turma e com a correção do para casa realizada na aula anterior.

Iniciamos a intervenção com a apresentação de uma imagem que representava diferentes medidas de comprimento, com a intenção de verificar quais conhecimentos acerca do tema os alunos possuíam. Ao apresentarmos a imagem pedimos que os alunos observassem atentamente o que acontecia em cada uma das cenas e dissessem o que estava acontecendo (imagem¹).

Imagem 1: Grandezas e Medidas

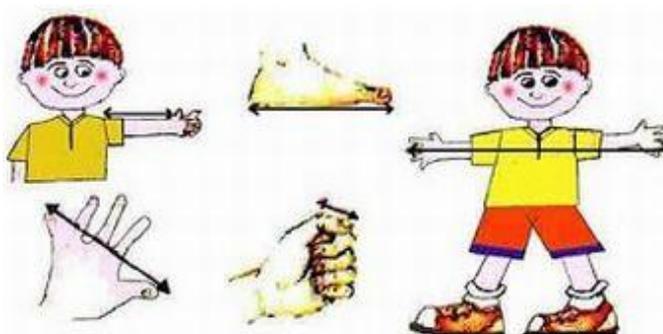


Fonte: produzida e desenvolvida pela Editora Moderna. Projeto Buriti: matemática 1º ano. 3. ed. 2013. São Paulo: Moderna, 124 e 125.

Diante das respostas dos alunos realizamos alguns questionamentos pertinentes a temática “você sabem como é chamada a unidade de medida usada para medir o comprimento das coisas?” Com base na imagem da criança saltando, você acha que ela saltou mais, menos ou igual a um metro?”.

Após responderem aos questionamentos, apresentamos aos alunos um breve histórico de como eram medidas as coisas antes de existir o sistema de medidas convencionais, bem como os instrumentos de medidas que conhecemos atualmente. Em seguida, apresentamos a turma imagens de como o corpo era utilizado para realizar medidas, como podemos ver abaixo: o palmo, a polegada, a braça e o pé. (imagem²)

Imagem 2: Medidas não convencionais



Fonte: Educando com o coração. Medidas de comprimento – Tia Paula. Disponível em: <http://tiapaulaeducadora.blogspot.com.br/2011/07/medidas-de-comprimento-tia-paula.html>. Acesso em: 14 de Nov. 2017.

Pedimos então, que cada aluno medisse a mesa e carteira em que estavam sentados utilizando o palmo como instrumento, questionamos a eles quais foram as medidas encontradas, os resultados encontrados foram divergentes, questionamos então se as carteiras tinham tamanhos diferentes, todos responderam que não, que elas eram do mesmo tamanho. Diante das respostas, indagamos a turma “já que as carteiras são do mesmo tamanho, porque as medidas de vocês deram valores diferentes?”, houve um momento de pausa, por parte dos alunos, que passaram a questionar-se e logo levantaram hipóteses para essa pergunta, chegaram a um consenso de que as medidas deram diferentes porque as mãos deles possuíam diferentes tamanhos. Com isso, iniciamos uma nova explicação, sobre o surgimento das

medidas padronizadas, que nasceram para que essas divergências que ocorriam quando o corpo era usado como instrumento de medida fossem superadas e todas as medidas de comprimento fossem realizadas através de um único sistema de medidas, o metro.

Assim, propomos aos alunos um exercício no qual eles deveriam medir-se utilizando um pedaço de barbante, ao final fomos perguntando quem eles achavam que era o menor e o maior aluno da turma. Então, fomos posicionando os cordões no quadro, e anotando o nome dos alunos, com isso os estudantes puderam testar suas hipóteses e verificar se estas estavam corretas ou não e também responderam ao um exercício impresso.

Logo após, fomos para o pátio da escola, onde foi realizada uma dinâmica com a turma. Dividimo-os em duas equipes e estas formaram duas filas, na frente de cada fila foi colocada uma cesta com pedaços de fitas. Um aluno por vez deveria correr até a cesta, pegar um pedaço de fita e amarrar, quando fizesse isso voltaria para o final da fila, e assim sucessivamente, até que o primeiro aluno retornasse ao início da fila. Ganhava o grupo que conseguisse formar a maior corda. Com o fim da brincadeira encerramos nosso primeiro dia de intervenção (imagem³)

Imagem 3: No pátio da escola, brincando de construir a maior corda.

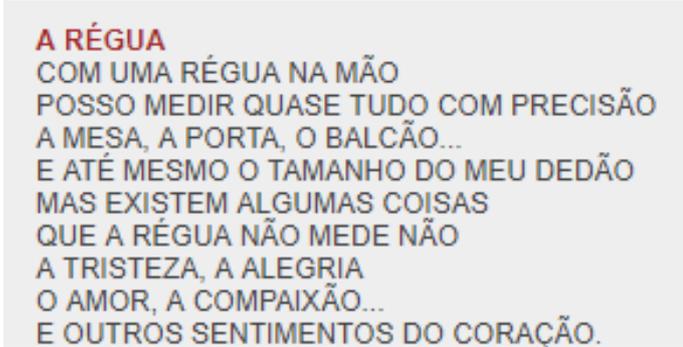


Fonte: Acervo Pessoal – 2017

Segundo momento

Como no primeiro dia de intervenção, a aula começou seguindo a rotina implantada pela docente da turma, com acolhida seguida de uma leitura deleite, realizada dessa vez pelos alunos. Iniciamos a intervenção com a leitura coletiva do poema, A régua (imagem⁴),

Imagem 4: poema A régua



A RÉGUA
COM UMA RÉGUA NA MÃO
POSSO MEDIR QUASE TUDO COM PRECISÃO
A MESA, A PORTA, O BALCÃO...
E ATÉ MESMO O TAMANHO DO MEU DEDÃO
MAS EXISTEM ALGUMAS COISAS
QUE A RÉGUA NÃO MEDE NÃO
A TRISTEZA, A ALEGRIA
O AMOR, A COMPAIXÃO...
E OUTROS SENTIMENTOS DO CORAÇÃO.

Fonte: GARCIA, Jacqueline. Coleção Conhecer e Crescer: Alfabetização Matemática. 1^o Ano. São Paulo: Escala Educacional, 2011. p.187.

Ao fim da leitura levantamos alguns questionamentos aos alunos, “O que podemos medir com a régua? Você já utilizou a régua? Onde? Para que serve a régua? O que a régua não consegue medir? Por quê?” Após os questionamentos devolvemos os barbantes utilizados na aula anterior, para que eles pudessem resolver a atividade que levamos e distribuímos entre eles, na qual uma das questões solicitava que medissem esse barbante utilizando um instrumento de medida padrão, que na ocasião foi a régua. Após a resolução da atividade os alunos apresentaram suas respostas. Em seguida, fomos mais uma vez para o pátio da escola, para realizarmos uma nova dinâmica. Pedimos que os alunos se dividissem em pequenos grupos de quatro pessoas e distribuímos entre eles novos barbantes, medindo cada um, um metro de comprimento (imagem⁵).

Imagem 5: Explorando o pátio, descobrindo o tamanho dos objetos.



Fonte: Acervo Pessoal

A dinâmica resumia-se na construção de uma tabela na qual deveria constar de um lado, objetos com mais de um metro e do outro, objetos com menos de um metro, os alunos tiveram vinte minutos para explorar o pátio e colher os dados da pesquisa. Ao fim desse tempo, retornamos à sala para que cada grupo pudesse socializar o resultado de sua pesquisa (imagem⁶).

Imagem 6: Anotação os objetos que eram maiores que um metro e menores que um metro.



Fonte: Acervo Pessoal

Ao conferirmos os resultados apresentados pelos alunos, notamos que em algumas tabelas um mesmo objeto aparecia com medidas diferentes, ou seja, com mais de um metro e com menos de um metro. Por exemplo, no pátio da escola tem uma árvore de grande porte, e em algumas tabelas essa mesma árvore apareceu com menos e mais de um metro, questionamos aos alunos o porquê de tais disparidades nessas respostas, logo eles

responderam que as formas de medir utilizadas pelos grupos foram diferentes, uns mediram na vertical e outros na horizontal e por isso as medidas foram divergentes.

Ao fim das apresentações, pudemos notar que os alunos conseguiram sistematizar o conteúdo trabalhado nas intervenções de forma satisfatória, e com isso chegamos ao fim do segundo e último dia de intervenção.

Resultados

Em síntese realizamos o projeto em duas intervenções, esse tempo foi suficiente para executarmos o que havíamos planejado. Buscamos realizar atividades que fossem da compreensão dos alunos, e feitas de maneiras diferenciadas e prazerosas, porém, que não escapasse da rotina da classe. A turma foi participativa durante as intervenções, o que culminou no desenvolvimento do projeto sem maiores problemas.

Ao final das ações notamos que os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados, uma vez que os estudantes compreenderam a importância de ter uma unidade de medida padronizada, como percebemos nas respostas por eles dadas nas realizações dos exercícios, notamos também que os alunos perceberam que o trabalho em grupo é primordial para a execução de algumas atividades, tal ação também contribuiu para que essas fossem mais divertidas e atraentes, tornando assim o ato de aprender prazeroso e dinâmico.

Com as experiências anteriormente citadas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e manusear alguns instrumentos de medida de comprimentos convencionais (trena, fita métrica, entre outros), tal como, desenvolver habilidades para medir comprimento utilizando instrumentos de medida não padronizados (barbante, palmo, polegada, braça, pé, passada etc) facilitando assim o processo de abstração e entendimento em relação a importância dos instrumentos de medida de comprimento padrão e seus usos sociais, além de desenvolverem a capacidade de registrar as medidas obtidas com estes diferentes instrumentos, tanto os convencionais quanto os instrumentos não padronizados, bem como a importância da socialização dos dados das pesquisas por eles realizadas. O ato de pesquisar alimenta a curiosidade que de acordo com Freire (2000, p. 103),

A curiosidade, própria da experiência vital, se aprofunda e se aprimora no mundo da existência humana. Enquanto inquietação em face do não-eu, espanto ante o desconhecido, ante o mistério, desejo de conhecer, de desvelar o escondido, de procurar a explicação dos fatos, de averiguar, de investigar para constatar, que possibilita a curiosidade é motor do processo do conhecimento.

A pesquisa além de contribuir para manutenção da curiosidade, favorece a aprendizagem significativa e torna o aluno o sujeito da aprendizagem, uma vez que os conceitos pesquisados são construídos por eles e não apenas transmitidos de maneira pronta pelo docente.

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho concebido dentro da disciplina de Estágio Curricular III foi proveitoso, já que é através dessa disciplina que muitos educandos do curso de Licenciatura em Pedagogia têm seu primeiro contato com a sala de aula e as demais funções que o pedagogo pode exercer em uma escola, levando-os a se encontrarem com profissionais e quais são as áreas de atuação do pedagogo que esses se identificam. Segundo Bellochio e Beineke (2007, p. 75),

Assim, o estágio supervisionado não pode ser tomado como uma etapa em que o aluno transpõe os conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação inicial formal para a prática. Deve constituir-se como um dos momentos integrantes fundamentais do curso de formação de professores, integrado ao âmbito de todos os componentes curriculares e experiências já internalizadas. Ao mesmo tempo, deve ser tomado como um momento de produção reflexiva de conhecimentos, em que a ação é problematizada e refletida no contexto presente e, após sua realização, momento este que envolve a discussão com a orientação do estágio e pares da área.

O desenvolvimento do estágio realizado na coordenação pedagógica em conjunto com a aplicação de um projeto de intervenção nos proporcionou experiências e conhecimentos relacionados à rotina da coordenação pedagógica e de uma sala de aula.

Através do estágio pudemos compreender como ocorre o trabalho desse profissional, as funções que lhes são atribuídas e os desafios vivenciados no desenvolvimento de suas

atividades. Contribuindo assim para a ampliação dos conhecimentos referentes à coordenação pedagógica e a oportunidade de relacionar a teoria e a prática.

Pudemos observar também, através de nossa experiência no estágio, que uma sala é heterogênea, cada aluno é único, que o aprendizado ocorre de forma diferente entre eles, e que devemos ter a sensibilidade de notar isso, assim como encontrarmos estratégias para que os estudantes deem sentido e significado aos conceitos referentes aos conteúdos do currículo escolar.

Com essa turma percebemos que trabalhar com atividades mais concretas, como por exemplo: pesquisa, dinâmicas, trabalhos em grupos, entre outros, favoreceu para que os alunos obtivessem uma melhor compreensão dos conceitos por nós trabalhados com a turma. Percebemos que, por causa das atividades diferenciadas, os alunos demonstravam um maior interesse em participar das aulas e da execução das atividades, tornando assim o ambiente da sala de aula, bem como da escola, um lugar de aprendizagem prazerosa e eficaz.

Referências

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor**. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BELLOCHIO, C. R.; BEINEKE, V. **A Mobilização de Conhecimentos Práticos no Estágio Supervisionado: Um estudo com estagiárias de música da UFSM/RS e da UDESC/SC**. Música Hodie, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

BHABHA, H. **O local de cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRASIL. Ministério Da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, UNESP, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2007.